

UNIDADE DIDÁTICA

SCÓRPIO

TERESA CRISANTA V. PILHADO



 AGAL

CARVALHO 20
CALERO 20

SCÓRPIO

DE RICARDO CARVALHO CALERO



CAPÍTULOS PARA A LEITURA REDUZIDA DE *SCÓRPIO*

Primeira parte

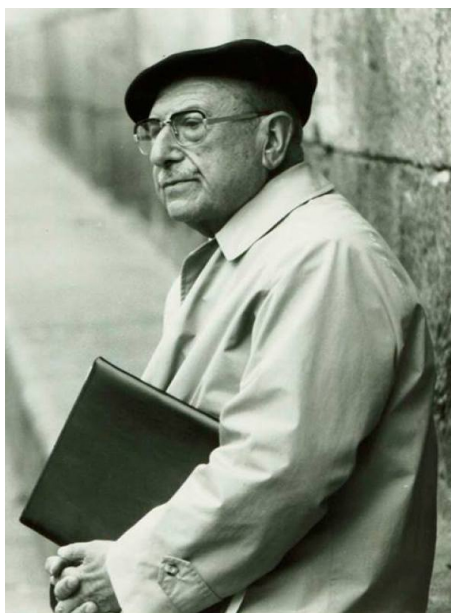
IV – Aurélia p. 15
V – Francisco p. 16
VIII – Mercedes p. 20
IX – Sagitário p. 21
X – Sagitário p. 23
XI – Sagitário p. 25
XII – Cleo p. 26
XV – Cleo p. 30
XVII – Nona p. 33
XIX – Sagitário p. 36
XXI – Sagitário p. 41
XXIII – Socorro p. 44
XXV – Merche p. 48
XXVII – A senhora do Decano de Direito p. 53
XXIX – Salgueiro p. 56
XXX – Salgueiro p. 58
XXXVI – Sagitário p. 72
XXXVII Sagitário p. 74
XLI – Sagitário p. 78
XLIV – Um estudante p. 81
XLVI – Francisco p. 84
L – Sagitário p. 91
LI – Salgueiro p. 92
LII – Francisco p. 94
LV – Salgueiro p. 99
LXI – Manolo p. 110
LXXII – Sagitário p. 112
LXIII – Luzita p. 114
LXIV – Helena p. 117
LXVI – Francisco p.120
LXVIII – Mercedes p. 123
LXX – Merche p. 124

LXXI – Sagitário p. 129
LXXII – Francisco p. 130
LXXIV – Salgueiro p. 133
LXXV – Mercedes p. 136

Segunda parte

I – Casado p. 145
II – Casado p. 146
IV – Casado p. 150
V – Casado p. 151
VI – Barreiro p. 152
IX – Socorro p.159
XII – Francisco Franco Bahamonde p. 163
XIII – Casado p. 164
XV – Casado p. 167
XVII – Casado p. 170
XVIII – Casado p. 172
XIX – Miguel p. 174
XXI – Um jornalista p. 178
XXVI – Casado p. 187
XXXI – Casado p. 198
XXXII – Casado p. 201
XXXIII – Casado p. 202
XXXVI – Barreiro p. 207
XXXVIII – Barreiro p. 214
XXXIX – Salgueiro p. 216
XLI – Cleo p. 222
XLVI – Salgueiro p. 237
L – Salgueiro p. 246
LII – Salgueiro p. 251
LIX – Salgueiro p. 267

BIOGRAFIA



Ricardo Carvalho Calero nasceu em Ferrol em 1910 e foi ao se deslocar para Compostela (1926) para realizar os seus estudos de Direito e Filosofia e Letras que entra em contacto com o galeguismo e com a cultura galega, o que com certeza vai determinar o seu pensamento ao longo da sua vida. Nos primeiros anos de estudo ligou-se ao Seminário de Estudos Galegos e começou a sua trajetória como militante no movimento nacionalista. Foi um dos fundadores do Partido Galeguista (1931) e participou no anteprojeto do Estatuto de Autonomia da Galiza frustrado com o golpe de estado de 1936. Ao permanecer fiel à República, foi condenado a 12 anos de cadeia e inabilitado para a docência pública. Por causa disso, trabalhou durante anos no ensino privado até que em 1965 voltou a exercer como docente num centro público, inaugurando a recém estreada cátedra de Língua e Literatura Galega na Universidade de Santiago de Compostela (1972).

Carvalho Calero redigiu as primeiras *Normas ortográficas do idioma galego* (1970) da Real Academia Galega, ente em que foi nomeado numerário em 1958, mas em pouco tempo surgiram duas novas propostas. Por um lado, a proposta conhecida como “automonista”, da autoria do Instituto da Língua Galega (ILG) e por outro a proposta reintegracionista, encabeçada por Rodrigues Lapa e Martinho Montero, à qual acabaria aderindo o próprio Carvalho Calero. Em 1980 presidiu à Comisión Lingüística da Xunta quando esta oficializou as conhecidas “normas de Carvalho ou “de 80”, mais convergentes com o português, mas em 1982 vingou outra normativa que, para afirmar a independência do galego no que diz respeito ao português, adoptou a ortografia do espanhol. O decreto que as oficializou, conhecido por “decreto Filgueira”, significou a continuidade com o modelo cultural criado no franquismo que perdura até estes dias.

A sua obra é muito extensa, tanto a literária como a ensaística. Destaca nomeadamente a poesia e o romance *Scórpio* (1987) —o qual obteve o Prémio da Crítica de narrativa— a *História da literatura galega contemporânea* (1963) e os múltiplos ensaios sobre a língua galega, nos quais defendia a tese reintegracionista e advogava por uma confluência ortográfica do galego com o português, defesa que provocou que fosse banido da cultura galega nos últimos anos da sua vida e que houvesse muitas discrepâncias na hora de o nomear o autor homenageado do Dia das Letras Galegas. Foi membro de honra da Associação Galega da Língua (AGAL), praticamente desde que esta entidade foi fundada no início dos anos 80 até a morte de Carvalho em 1990.

SCÓRPIO

DE RICARDO CARVALHO CALERO

TAREFA 1

Ouve atentamente este fragmento e depois tenta lê-lo tu. Que traços ortográficos dificultam a tua leitura? Quais seriam as diferenças coa ortografia galega que conheces? ([vídeo](#))

As pessoas que nascem entre o 24 de Outubro e o 22 de Novembro, vem a luz sob o signo de Scórpio. As que nascem entre o 23 de Novembro e o 22 de Dezembro, vem a luz sob o signo de Sagitário. Entre os rapazes de sexto curso do colégio, que acabamos de obter o grau de bacharel, todos sabíamos qual era o nosso signo, e soíamos nomear-nos por ele. Eu som Sagitário. Rafael Martínez é Scórpio. Quando dous ou mais nasceram baixo do mesmo signo, numerávamo-los segundo o dia do seu nascimento. Assi, Felipe Antom era Leo I, e Jacobe Golpe era Leo II. Ricardo Lores era Aquário I; Abelardo Pinheiro, Aquário II; António Toimil Aquário III. Eu era o único Sagitário, e Rafael o único Scórpio; e por isto, e se quadra porque estes nomes soavam melhor, estes alcumes chegárom a ser mais populares no colégio que os nossos próprios nomes.

Scórpio (2017 [1987]), pp. 21 – 22.

TAREFA 2

Agora lê estoutro texto do **Scórpio** adaptado para normativa oficial e, a partir do que viste no trecho anterior, tenta escrevê-lo na norma do galego reintegrado de Carvalho. Depois, confronta-o com o original escrito por Carvalho. Ficou parecido?

Recibimos orden de desembarcar. A compañía formou en terra, ao costado do buque. O tenente de máquinas Loureiro dirixiuse ao comandante e preguntoulle onde iamos. Moitos pensabamos que se nos quería utilizar en contra da República, porque as noticias do que sucedía en África e en Madrid circulaban entre nós, e sabiamos que a maior parte dos xefes e oficiais eran monárquicos.

SOLUÇÃO

Recebemos ordem de desembarcar. A companhia formou em terra, ao costado do buque. O tenente de máquinas Loureiro dirigiu-se ao comandante e perguntou-lhe onde iamos ir. Moitos pensávamos que se nos quería utilizar en contra da República, porque as noticias do que sucedía en África e en Madrid circulavam entre nós, e sabíamos que a maior parte dos chefes e oficiais eran monárquicos.



TAREFA 3

Antes da leitura de *Scórpio* informa-te sobre a vida de Ricardo Carvalho Calero e cria a tua proposta de linha cronológica com os dados mais importantes (transferência para Compostela, Seminário de Estudos Galegos, Partido Galeguista, Estatuto de Autonomia, guerra civil espanhola, Decreto Filgueira...). Tem presente esta linha temporal, já que terás que fazer outra do romance e contrastar os dados de ambas as cronologias.

TAREFA 4

Lê os seguintes fragmentos dos capítulos xxx (p. 58) e li (p. 92) narrados por Salgueiro e responde às perguntas localizadas depois dos textos:

XXX

Durante a ceia de despedida ao professor Maluquer, pensava eu no enigmático Scórpio como núcleo de um possível romance. Mas precisamente a sua enigmaticidade deveria ser respeitada, porque eu a vejo como umha particularidade de interesse dentro de umha narraçom. Eu, autor do romance de Scórpio, respeitaria a sua problematicidade, nom trataria de explicá-lo todo; mais bem reuniria testemunhos diversos a propósito da sua personalidade, que confluíssem e alumiassem de distintos ângulos a figura central. Nunca me meteria directamente no interior do protagonista. Este nunca falaria de si mesmo. Seriam os demais, os seus parentes, os seus amigos, os que nos falariam dele, do seu povo, da sua família, dos seus amigos; e assi se iria configurando umha figura, e assi se iriam ordenando os acontecimentos de umha vida, mediante umha espécie de enquisa que apartasse dados plurais, por que nom contraditórios. Na realidade, cada um vê as pessoas, os acontecimentos, do seu ponto de vista, através do seu próprio prisma. O conhecimento é umha combinaçom de matéria e forma. Esta varia segundo a situaçom do sujeito cognoscente. Nom há visom inteiramente verdadeira, nom há visom inteiramente falsa. Nom há visom inteiramente objectiva, nom há visom inteiramente subjectiva. Apresentaria um Scórpio, umha vida de Scórpio, contemplado, contemplada através de diversas personalidades. Como sei mui pouco da vida de Scórpio, fora do que vejo, e se trata de umha personalidade mui pouco transparente, teria de inventar muito, teria de inventar-lhe umha família, umha infância, uns amigos que completassem com a sua visom a minha própria visom. Seria umha **composiçom polifónica**, umha narrativa em que houvesse muitos narradores. Mas nom pretenderia que estes nos falassem com umha linguagem decalcada em cada caso da realidade pessoal que lhes atribuisse. Nom pretenderia apresentar um documento social que reproduzisse fotograficamente muitas figuras, muitas mentalidades, muitas formas de expressom. Procuraria exprimir com fidelidade o carácter de cada personagem, carácter que eu mesmo criaria; mas nom me esforçaria em evitar giros sintácticos ou vozes concretas que a condiçom social da personagem faria improváveis na realidade. Nom se trataria de umha reproduçom científica da realidade, senom de umha construçom artística, na qual o autor visasse essencialmente a comunicaçom de um mundo poético, interpretaçom de umha realidade, mas nom traslado material, vaziado em gesso, versom electrolítica, visom galvanoplástica de umha realidade sensível, de umha objectividade fenomenológica, ou fenoménica. Na forma, pois, nom se trataria de umha narraçom documental. Essa mulher que fala, nom fala exactamente como falaria umha mulher real da sua condiçom. Seria-me indiferente que me fisessem críticas deste tipo. Eu traduziria a umha linguagem que pretenderia ser eficazmente literária o discurso polifónico que constituiria a forma do romance.

Este estaria, pois, integrado por umha série de **depoimentos em primeira pessoa**, formulados por diversas personagens que estivessem em relaçom com Scórpio ou o seu entorno, e que projectassem luz —a sua própria e variada luz— sobre esse entorno e sobre esse Scórpio. Nom me preocuparia de justificar esses depoimentos do ponto de vista da **verosimilitude** material. Por que se produzem esses depoimentos? Simplesmente, porque o autor decide que se produzam. Nom há que explicá-los como informes que ao autor se enviam, ou como memórias que este descobre, ou como **monólogos interiores** que este surpreende. As diversas personagens foram testemunhas de

determinados acontecimentos, ou reflexionárom sobre determinados feitos; e o autor dispom do poder necessário para transmitir ao leitor em forma de **solilóquios** —nalgumha ocasiom, em forma de carta ou alocuçom— as vivências que lhe interessam. Eu nom descobriria umha colecçom de cartas, como Choderlos de Laclos, ou disporia simplesmente delas por circunstâncias nom explicadas, como Dostoiewsky. Porque essa seria a forma ajeitada para umha narraçom narrada por diversos narradores, eu faria meramente que cada narrador narrasse o que, dado o *status* que eu lhe conferisse, estivesse em condições de narrar, sem preocupar-me de mais justificaçons nem mais convencionalismos. Eu sei o que eles sabem, eu sei o que eles pensam; eu tenho registados os seus saberes e os seus pensamentos num disco —mas traduzidas as palavras ao meu discurso literário—, e fago girar o disco perante o leitor.

Nom som o clássico **narrador omnisciente**, mas possuo parcial conhecimento do interior de algumas mentes, entre as quais nom figura a mente de Scórpio. Creio que será mui incómodo renunciar a ver por dentro o protagonista, mas impugem-me essa exigência técnica. Já veremos se a podo cumprir.

LI

Nas arrevestadas páginas —propriamente, rascunhos, apontamentos— que preguiçosamente tenho traçado do romance de Scórpio, e maiormente nos nebulosos planos de desenvolvimento dos sucessos que o constituiriam, tropeço, até o extremo de desanimar-me a realizar o trabalho, com a incomodidade da técnica decidida, enquanto ela me impede focar sequer alguns capítulos do ponto de vista do protagonista. Como seguir a vida de umha personagem literária se o autor nom tem nunca acesso directo a essa vida, se há depender sempre dos testemunhos de outras personagens? Para que esses testemunhos componham um conjunto relativamente coerente, nom excessivamente contraditório, ainda concedendo as diferenças de critério dos emissores das vozes que se escuitem; para que esses diversos depoimentos podam confluir numha **biografia** inteligível; para modelar a figura de um protagonista com realidade literária, teria de manter o romancista umha gravosa tensom, seleccionando com afadigada previsom em cada momento os actores que ham entrar na cena a recitar os seus **monólogos**. Cousas que o romancista quieria comunicar ao leitor, nom poderá transmitir a este se aquele renuncia a estar também representado como **narrador historiador** que possui umha informaçom que transcende às testemunhas presenciais, ou se nom se concede o direito de introduzir-se na própria mente do protagonista e fazê-lo concorrer, sequer excepcionalmente, no desfile de primeiras pessoas informantes. Há romances narrados em primeira pessoa, nos quais o autor se reserva o direito de introduzir-se como **narrador em terceira pessoa**, ou de criar um narrador, omnisciente ou nom, observador tecnicamente clandestino das condutas ou esculcador sem necessidade de justificaçom literária dos recantos de umha, várias ou todas as consciências presentes no relato. Um narrador em terceira pessoa de qualquer dos tipos indicados, ou a participaçom do próprio protagonista na série de narradores, mesmo se isto se verifica só em momentos excepcionais, aliviaria muito ao autor na sua empresa. Mas eu tenho concebida a minha história de Scórpio mantendo Scórpio à distância, vedando-me vê-lo por dentro com os meus próprios olhos de narrador, e creio que esta dificuldade técnica, esta reserva, esta interdiçom, forma parte essencial da obra tal como foi concebida, e que valeria a pena intentar mantê-la até o final. Mas nom disponho de tanto tempo como para derramá-lo esforçando-me em vencer umha dificuldade técnica que eu mesmo me impugem, como se fosse um narrador experimental e experimentado. Assi que o melhor será abandonar o projecto e consagrar mais tempo à assimilaçom da Lei Hipotecária.

Sem embargo, com mais de duascentas quartilhas rabiscadas —à verdade quase ilegíveis, e escritas sem esmero formal—, fai-se-me um pouco duro renunciar a prosseguir esse labor, que me distrai da pesadez dos estudos jurídicos. Agora que nom tenho moça, o meu romance é um refúgio e um agarimo. A ver se podo, de quando em vez, dedicar-lhe umhas horas. Vai ser difícil, neste momento em que temos constituído o Partido Galeguista, e nom podem refugar a secretaria do grupo local. Oposiçons, política, literatura... Aonde vás, Salgueiro? Quem o pode saber?

Nos capítulos aparecem termos como **narrador omnisciente**, **solilóquio**, **monólogo interior**, **composição polifónica**, **biografia**, **narrador em terceira pessoa**, **verosimilitude** ou **narrador historiador**. Procura esses termos e responde às seguintes perguntas:

- 1) Estes traços que Salgueiro menciona nos capítulos xxx e li podem considerar-se característicos da obra Scórpio?
- 2) Depois de ler esses fragmentos, pensas que se pode dizer que o autor da obra se encarna na figura deste personagem?
- 3) Pensas que Scórpio é autobiográfico? Consideras que tudo o que se conta nas autobiografias é real? Se tivesses que contar a história da tua vida, reduzirias o negativo e ressaltarias o positivo?
- 4) Que pensas que significa que estes capítulos narrados por Salgueiro, o xxx e o li, sejam capítulos meta-literários? Procura o termo se for necessário e justifica a tua resposta.

TAREFA 5

Obradoiro literário/concurso. Cria um novo capítulo para o romance **Scórpio**. A seguir tens as bases para participar:

- I. O relato deve conter características formais do texto original (por exemplo, depoimento em primeira pessoa).
- II. Qualquer personagem, Scórpio inclusive, pode ser @ narrador@ do capítulo.
- III. A escolha ortográfica é livre: pode ser escrito em galego oficial ou galego internacional (ou português) . Os erros ortográficos podem ser observados só no primeiro caso.
- IV. O comprimento dos textos é livre, sem limite estipulado, nem mínimo nem máximo.
- V. Aceitam-se textos escritos à mão e com computador.
- VI. 17 de abril.
- VII. Informações que deve fornecer o alumnado: nome completo, nome e endereço da escola, idade, curso e informação de contacto (telemóvel, correio).
- VIII. O documento será enviado à Casa da Língua Comum – Rua de Emílio e Manuel, 3 15702 (Santiago de Compostela) ou ao correio secretaria@a.gal com o assunto “Concurso RCC”.
- IX. Haverá três categorias no concurso: 1º e 2º da ESO, 3º e 4º da ESO e 1º e 2º de Bacharelato. @ ganhador/a de cada categoria conseguirá a inscrição de um ano à Através Editora, recebendo os livros na sua casa.

COMO SE PRONUNCIA?

c / ç	cê/ cê cedilhado	<i>céu/ceo; paço/pazo</i>
g	guê ou gê	<i>gato; gelo/xelo; ginásio/ximnasio</i>
j	jota	<i>Junta/Xunta</i>
n	ene	<i>nada; ninguém/ninguén. Salvo alguns casos (por exemplo, hífen), em português as palavras acabam sempre em -m, mas pronuncia-se sempre -n.</i>
q	quê	<i>questionário/cuestionario</i>
s	esse	<i>santo; coser</i>
lh	ele agá	<i>molhar/mollar; carvalho/carballo</i>
nh	ene agá	<i>Minho/Miño, Corunha/Coruña</i>
ss	esse duplo	<i>nossa/nosa; isso/iso</i> (só pode ocorrer entre vogais)
ch	cê agá	<i>chamar; chuva</i>
mh	eme agá	<i>umha, alguma</i> (outra possibilidade é com m: uma, alguma)
à	a com acento grave	resultado de contrair a (prep.) + a (art.). <i>Vou à feira / vou á feira</i>

Autoria: Teresa Crisanta V. Pilhado

Coordenada por: Teresa Crisanta V. Pilhado & Eduardo Maragoto

Diagramada por: Uxio Outeiro

Este material didáctico contou co apoio da Consellería de Cultura e Turismo e da Deputación da Coruña.